

# Educação para as mídias: leitura crítica da comunicação

Diante do abismo digital: mídia-educação e mediações culturais

Monica Fantin

Gilka Girardello

- A exclusão digital não é ficar sem computador ou telefone celular. É continuarmos incapazes de pensar, de criar e de organizar novas formas, mais justas e dinâmicas, de produção e distribuição de riqueza simbólica e material (SCHWARTZ, 2000).

- *Por que incluir? O que significa incluir?*
- *A inclusão digital é direito ou necessidade?*
- *Em países periféricos a inclusão significa uma possibilidade de desenvolvimento ou um risco de colonização, diluição e apagamento?*
- *Se o problema da inclusão também é cultural, o que significa a inclusão enquanto acesso do ponto de vista tecnológico?*
- *Que direitos o acesso tecnológico ao computador promove se não for acompanhado de uma alfabetização nas múltiplas linguagens?*
- *Acessar o computador sem estar alfabetizado é promover seu uso e os direitos nele envolvidos?*
- *Será a inclusão sempre positiva ou boa a priori?*

- *Se (a exemplo do que está implícito na maioria dos projetos de inclusão) incluir significa dar acesso a computadores proprietários com softwares primitivos e treinar mecanicamente para o uso eficiente no trabalho, por que razão a sociedade deveria ser incluída?*
- *A quê e a quem serve essa inclusão?*
- *Em sociedades como a nossa, onde direitos básicos como saúde, educação, moradia e segurança ainda não estão assegurados, -+---é possível avaliar a inclusão social pelo número de computadores, internautas e outras estatísticas do gênero?*

- Se hoje a ênfase da literatura internacional sobre a barreira digital recai sobre os aspectos técnicos do problema, as perguntas que formulamos acentuam sobretudo o problema da inclusão cultural. Observamos que hoje o termo inclusão, num certo debate público, parece ter virado um rótulo politicamente correto consensual, imune à reflexão e à discussão. O princípio de que a sociedade deva estar incluída na era da informação é aceito sem questionamento e a pergunta “o que vem a ser um sujeito incluído e o que ele fará com essa nova ferramenta?” parece pouco importar. Sem garantias de empregabilidade e diante da velocidade da superação tecnológica, o discurso da inclusão digital parece feito sob medida para contentar empresas, organizações e tecnólogos que o vendem como mais uma novidade no mercado, na linha do que diz Lemos (2005, p. 6).

- Nesse contexto, incluir parece significar oferecer condições materiais (destreza e acesso à Internet) para o manuseio das tecnologias, mais do que desenvolver processos cognitivos críticos e questionadores, incluir, nessa perspectiva, parece ser meramente adaptar procedimentos a técnicas correntes. A inclusão, porém, precisaria se distinguir da simples adaptação à lógica tecnocrática.

- “É na inserção no mundo e não na adaptação a ele que nos tornamos seres históricos e éticos, capazes de optar, de decidir, de romper.” (Paulo Freire)